

RESENHA

**ESTAMIRA.** Direção: Marcos Prado. Produção: Marcos Prado e José Padilha. Rio de Janeiro: RioFilme, 2005. 7 rolos, 35 mm (115 min).

**Estamira, poetisa da loucura**

Estamira, the poet of madness

*Raquel Zanelatto<sup>1</sup>*

Assisti *Estamira* (cor e p/b, 35mm, 115min, 2005) pela primeira vez, no cinema, em 2006. Lembro-me bem deste dia: retornei para casa, no ônibus, pensando sobre as coisas que dizia aquela mulher de 63 anos, que trabalhava há mais de vinte no “Lixão” do Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. Mais tarde adquiri o filme e pude assisti-lo outras vezes.

Este exercício de assistir o documentário de maneira repetida nos atenta para a possibilidade de ouvir o discurso de Estamira a partir de diversos lugares. Podemos escutá-la, por exemplo, do lugar da psiquiatria – e refletir sobre o diagnóstico de esquizofrenia que Estamira recebeu - ou do lugar da sociologia ou da psicologia social – e observar como ela é parte do meio em que está inserida e como se



Figura 1. Cena do Documentário

relaciona com este espaço (o da família, o do aterro sanitário, o dos órgãos de saúde). No entanto, outra possibilidade de escuta que se impõe mesmo ao ouvido distraído é do caráter poético e filosófico de suas palavras.

Eu diria que Estamira é sábia. E é a Estamira sábia – e não a louca ou a injustiçada – que o diretor e produtor Marcos Prado quer nos mostrar. Ao longo dos 115 minutos de filme, Estamira conta sua história e expõe sua forma de ver a si mesma e ao mundo. As imagens ilustram a poesia de seu discurso, ora denunciador e crítico, ora incoerente, ininteligível e agressivo, mas

sempre carregado da verdade dela.

O cineasta que visitou Estamira no aterro e em sua casa durante cerca de cinco anos parecia não ter como intenção apresentar a “história” de Estamira, valorizando fatos e apresentando-os em ordem cronológica. Ele, ao contrário, mostrava Estamira tal como ela se apresentava a ele e ouvia aquilo que ela contava sem preocupar-se com datas, com coerências ou mesmo com a lógica racional, geralmente privilegiada.

Como contraponto a essa postura, em determinada parte do filme, o cineasta apresenta a fala de uma das filhas de Estamira, que conta a história da mãe. É interessante observar como o sujeito que se compõe diante do espectador é outro dependendo da forma como se narra sua história. Se escutássemos apenas a narrativa de sua filha, Estamira seria para nós apenas mais uma das tantas mulheres vítimas de abuso sexual, abandonadas por seus maridos ou acometidas por um transtorno mental. No entanto, quando ouvimos a própria Estamira “narrando-se”, contando quem é e no que acredita, sua história ganha um caráter de unicidade. Também há muito de subjetivo no discurso da filha, mas talvez a necessidade de justificar a condição da mãe dê a sua fala esse caráter de objetividade.

Estamira não fala de seu passado ou presente na intenção de justificar-se; fala por vezes como quem profetiza, como quem vê – “esta mira” – algo que os outros não vêem ou fingem não ver; fala de sua revolta em relação às situações que vivencia. Trata-se de um discurso carregado de afetividade. Esta opção pelo subjetivo aparece também nas falas de Estamira, que em diversos momentos faz críticas ao caráter objetivo da medicina e da educação, que como as demais áreas da ciência, na contemporaneidade, prezam pelo estabelecimento de formas e categorias, em detrimento do sujeito.

Marcos Prado colheu os depoimentos de Estamira nos lugares em que ela vivia e frequentava, além de escutar aqueles que com ela conviviam em casa ou no aterro, ou que fizeram parte de sua vida. Ouvir a pessoa em seu ambiente corresponde a compartilhar da idéia de que as lembranças e experiências são coletivas. Estamira, ao falar de si, fala do mundo e das pessoas que a circundam. Mesmo o discurso de Estamira - que devido ao diagnóstico de esquizofrenia é tomado como o discurso do “louco”, daquele que perdeu a capacidade de inserir-se na linguagem compartilhada, de comunicar-se - é nitidamente uma fala que se produz a partir de um coletivo: o grupo dos outros catadores de lixo, o da família, o da sociedade de costumes fundados no cristianismo, etc.

Ao ler outras críticas, resenhas e comentários sobre o filme, deparei-me com vários comentadores apontando a capacidade de “ouvir” de Marcos Prado. Também saliento esta característica como a que se destaca quando assistimos ao filme e acrescento que embora pareça simples, esta capacidade não é fácil de ser encontrada. Escutar o outro, do lugar em que ele se encontra, sem desvalidar o que ele diz, tem sido a tentativa de correntes na psicologia, história e sociologia, que buscam conhecer os fenômenos e acontecimentos dos quais somos parte, abrindo mão da objetividade que nos distancia do humano, e em geral nos envolve em redes de preconceito e estigmatização.

Este exercício de aproximar-se do outro, de escutar o discurso que foge à razão sem desconsiderá-lo, não é tarefa fácil: falar da loucura, muitos falam; ouvir aquilo que a loucura diz é o nosso desafio.